

DIRETORES
 Antônio Carlos Costinho Nogueira
 José Bonifácio Costinho Nogueira Filho

CONSELHO EDITORIAL
 Antônio Carlos Costinho Nogueira,
 Gero Porto, Jean Suzina,
 José Bonifácio Costinho Nogueira Filho,
 Liana John, Paulo Nogueira Neto, Rogério Sabiani,
 Sérgio Scholl, Suzana Mochado Pádua

DIRETOR EDITORIAL
 Gero Porto

EDITORES EXECUTIVOS
 Liana John
 Waldemar Silveira

EDITORES
 Luiz Figueiredo
 Mariana Ribeiro

DIREÇÃO DE ARTE
 Mathias Jeremias Fortanato

ARTE E PRODUÇÃO GRÁFICA
 Mathias Jeremias Fortanato
 Renato Munhoz

FOTOGRAFIA
 Agostinho Melo, Carlos Alberto Costinho,
 Cláudio Proença, Fábio Coimbra,
 Geise Trivélato, Joséildo Rodrigues,
 Rubens Renato Cipiani, Silvestre Silva

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO
 Alberto Lindner, Angélica Piccolatto,
 Fernando Kucala, Helei Saccoti,
 Henrique Picarelli, João Paulo Krajewski,
 João Proderis, Jósana Sales,
 Marcelo Gerasa, Marina Mueller,
 Marissa Whitney, Patrícia Peres

JORNALISTA RESPONSÁVEL
 Gero Porto (Ats 20/41)

ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE

DIRETOR
 Antônio Wellington da Costa Lopes

GESTÃO COMERCIAL E CIRCULAÇÃO
 Regiane Elias Rigoni

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO NO BRASIL
 Fernando Chazajka

IMPRESSÃO - Glábo Costriane

PARA ANUNCIAR

Gerência Comercial (11) 3776-6535

Bahia: (71) 3243-3583 / 9154-0547
Brasília: (61) 3321-9100 / 3855-1884
Belo Horizonte: (31) 3423-6647 / 2870-3447

Carapicua e Interior SP:

(11) 3776-6583 / 91578313

Mato Grosso/ Mato G. do Sul e Goiás:

65-9275-7446 / 1071-9622-439

São Paulo (capital): (11) 9510-9928

Email: regiane@terraegente.com.br

Fábio Coimbra
 Serviço editorial
 e-mail: fabio@terraegente.com.br

A revista Terra & Gente é
 uma publicação mensal da
 Terra & Gente Produções e
 Eventos Ltda, uma empresa
 do Grupo EPTV

ANER

Terra da Gente
 Editora



DEDO DE PROSA

LIANA JOHN

O partido da biodiversidade

Ao exercer o jornalismo, cedo aprendemos que objetividade é uma qualidade a ser perseguida e subjetividade é um defeito profissionalmente mal visto. Mesmo ao optar por uma especialidade como o jornalismo ambiental — o que significa lidar frequentemente com polêmicas carregadas de emoção — é preciso manter uma cautelosa distância de observador para melhor organizar e transmitir as informações. Mas, às vezes, os fatos derubam tais regras e nos atingem no coração. E, então, tomamos partido.

É o caso do 'nosso' filhote de harpia, cuja história contamos nesta edição. É só um filhote sobrevivente, em meio a tantos que todos os anos morrem porque as matas onde deveriam morar são derrubadas, ou porque seus pais não encontram presas suficientes para alimentá-los nos remanescentes de vegetação, ou, ainda, porque um dos pais é capturado pelo tráfico ou para a confecção de cocares e outros artefatos de penas. É só um filhote de cativado, em meio a uma população amplamente distribuída nas três Américas. É só um indivíduo de uma espécie de grande porte, forte, de rapina, de uma espécie listada 'apenas' como 'próxima de ameaçada', categoria que não merece muita atenção das autoridades ou da mídia.

Com certeza é pouco em termos estatísticos, é pouco diante da imensa riqueza biológica de todo o País, mas é um filhote pelo qual torcemos desde antes de a fêmea botar o ovo, desde quando o quase-irmão mais velho morreu, há um ano. Frustrados com o fracasso da primeira tentativa de reprodução do 'nosso' casal de harpias, esperamos meses pela notícia de uma

nova postura, ocorrida este ano. Depois contamos os dias até o filhote eclodir e acompanhamos seu ganho de peso até ele estar fora de perigo e poder suportar uma sessão de fotos e gravação de imagens. E porque o conhecemos pessoalmente buscamos mais informações sobre sua espécie, seus hábitos, sua dieta, suas chances de representar o início de um projeto de reintrodução na natureza, sobretudo na Mata Atlântica, onde as harpias se tornaram especialmente raras por conta da fragmentação da floresta.

Em outras palavras, nosso envolvimento com esse filhote nos envolve, por sua vez, na luta de quem está empenhado em garantir sua vida. E nos envolve numa briga maior, em defesa da espécie, em defesa do ambiente no qual ela vive, em defesa da diversidade de animais que a alimenta. A partir de um filhote, renovamos nosso voto no partido da biodiversidade.

Isso nos faz refletir sobre a relação entre a população brasileira e as espécies que compõem a diversidade biológica do Brasil. Cada vez mais urbana e mais distante da fauna nativa — senão totalmente apartada, inclusive das unidades de conservação que devem proteger essa biodiversidade — a maioria da população brasileira não tem essa mesma chance de tomar partido. E o engajamento certamente faz falta. Refazer essa conexão através de reportagens que misturam objetividade com emoção talvez seja um antídoto para tal distanciamento. Ou, pelo menos, uma boa desculpa para nossos deslizes subjetivos. Boa leitura!